"Deus surdo[1]": as expressões religiosas da criança surda

Jacqueline Crepaldi Souza[*]

Resumo

A comunicação apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com 14 crianças surdas, estudantes de uma escola estadual em Belo Horizonte. O objetivo desse estudo fenomenológico foi analisar as expressões religiosas destas crianças utilizando-se técnicas de estudo de caso e de Grupos Focais realizados em LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais. Os dados demonstraram que a leitura do mundo feita pela criança surda revela informações preciosas a respeito da alteridade, como, por exemplo, o dado "Deus é surdo", com grande significado na cultura surda porque supõe alteridade. A criança surda é afetada pelo outro: se o adulto surdo a compreende, ela acredita que Deus é surdo. Se o adulto ouvinte a compreende, ela acredita que Deus é ouvinte. O milagre acontece a partir do encontro de liberdades, humana e divina. Nessa "multiplicidade dessemelhante" se reconhece a cultura surda. Única em seu gênero, responsável por despertar nos ouvintes o sentimento de alteridade.

Palavras-chave: Expressões religiosas. Crianças surdas. Grupos focais. Deus Surdo. Alteridade.

Introdução

Esta comunicação apresenta o tema surdez e alteridade nas expressões religiosas da criança surda. O número de pesquisas abrangendo o universo religioso da criança surda brasileira é restrito. Realidade que confirma a relevância desta pesquisa. A lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda. Em seu parágrafo único, a lei rege que:

> Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Inserindo o artigo 2º, a lei apoia o uso e difusão da LIBRAS:

> Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

[1] O termo "Deus surdo" é oriundo de um dado colhido no Grupo Focal realizado com crianças surdas. O dado, riquíssimo do ponto de vista cultural, teológico e social, irá acompanhar todo este artigo.

[*] Doutoranda em Ciências da Religião, pela PUC Minas, com pesquisa financiada pela CAPES. E-mail: jacquelinecrepaldi@yahoo.com.br.

A lei também garante a LIBRAS como parte integrante dos Parâmetros Curriculares nacionais, os PCNs:

> Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente.

Essa lei apresenta desafios para todas as escolas do Brasil. Compreender o lugar da criança surda na educação é possibilitar um desenvolvimento integral e de qualidade para essa criança. Nessa visão, sustentamos que reconhecer as expressões da criança surda torna-se eixo basilar que expressa o reconhecimento de direitos dessa criança. Este reconhecimento da pessoa surda enquanto ser de direitos e deveres reflete a importância de seus sentimentos religiosos. Esses cidadãos, pessoas surdas, são indivíduos singulares e não conceitos sem rosto. Lévinas (2010) explica, de maneira belíssima, nossa base para entender a cultura surda:

> Quando falo de unicidade, digo também a alteridade de outrem: o único é o outro de modo eminente: ele não pertence a um gênero ou não pertence em seu gênero. Há um velho texto talmúdico que sempre me impressionou: Deus é completamente extraordinário. Com efeito, para cunhar moedas, os Estados recorrem a um molde. Com um único molde, fazem muitas peças, de forma que são todas semelhantes. Deus chega com um molde, impondo sua imagem, a criar uma multiplicidade dessemelhante: de eus, os únicos em seu gênero. [...] homem único no mundo – e responsável por todo o universo! (LÉVINAS, 2010, p. 246).

Nessa "multiplicidade dessemelhante" é que se reconhece a cultura surda. Única em seu gênero, responsável por despertar nos ouvintes o sentimento de alteridade. Reconhecendo a identidade cultural da criança surda, refletimos a respeito do lugar dessa criança na educação. Em Lévinas projeta-se, na própria hermenêutica do Rosto, a questão teológica da metafísica do Bem, como religião. Isso porque "na relação com os homens em seus rostos aproxima-se o infinito" (RIBEIRO JÚNIOR, 2005, p. 87). O rosto da criança surda é o lugar em Deus me vem à ideia.

Para a realização da pesquisa, foram feitas buscas em diversas bases de dados nacionais e internacionais cujo resultado demonstra escassez de trabalhos envolvendo a tríade "surdez, religião e crianças". No Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), biblioteca virtual que reúne e disponibiliza o melhor da produção científica nacional e internacional, a pesquisadora encontrou artigos que tratam de pesquisas vinculadas à língua das pessoas surdas e de sua dificuldade de comunicação, mas não contemplam o estudo dos sentimentos religiosos das crianças surdas. Partiu-se para nova pesquisa nos portais Biblioteca Visual em Saúde (BVS) e a *Bielefeld Academic Search Engine*

(BASE), encontrando-se três livros que se aproximavam da tríade surdez, religião e crianças: Sá (2010), Silva (2012) e Sacks (1998). De posse desse material, a pesquisadora percorreu as estantes da biblioteca presencial da PUC Minas na qual há bastante material na área da surdez. Essa bibliografia fortaleceu a pesquisa e, com as leituras de Lévinas (1980, 1982, 1984, 1993a, 1993b, 1993c, 1998, 2001, 2002, 2003, 2004, 2010) foi possível respaldar o aporte teórico em três linhas: cultura surda, educação de crianças surdas e alteridade e surdez.

Com a pesquisa teórica basilar organizada para o trabalho, definiu-se o conjunto de critérios e métodos a serem utilizados. A fenomenologia (LÉVINAS, 1982) foi o método de trabalho que guiou a pesquisa. Nele, o rosto da criança surda expressa alteridade ou preconceito que são reconhecidos nos sentimentos e expressões religiosas da criança surda. Panasiewicz (2013) foi o autor das interações nas Ciências da Religião. Fowler (1992), Amatuzzi (2001) e Rizzuto (2006) foram os autores basilares na interpretação dos dados da Psicologia da Religião. A imersão na experiência e no cotidiano das crianças surdas gerou o trabalho que será dividido em três momentos: no primeiro momento descrevem-se os Grupos Focais em LIBRAS. No segundo momento, a fenomenologia da religião e a psicologia da religião ajudarão a compreender os dados gerados pelos Grupos Focais. Por fim, apresentam-se as expressões religiosas da criança surda, em especial o dado "Deus surdo" com grande significado na cultura surda. Os resultados apresentam a leitura do mundo feita pela criança surda e traduzem informações preciosas a respeito da alteridade, como o dado "Deus é surdo", com grande significado na cultura surda por exprimir alteridade no modo como a comunidade ouvinte se dirige a este ser em formação, a criança surda.

1 Grupos Focais: uma proposta de análise fenomenológica

Esta comunicação toma como base a dissertação de mestrado[2], que analisou o tema surdez e alteridade nas expressões religiosas da criança surda. Partindo da fenomenologia (LÉVINAS, 1982) e da experiência no cotidiano das crianças surdas, dados essenciais foram gerados perante os quais a pesquisadora esforçou-se para interpretar e ir além das aparências. Os dados foram gerados através de Grupos Focais realizados em LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais. Martin W. Bauer e George Gaskell (2014) explicam que o Grupo Focal é uma interação social autêntica que pode gerar emoção, humor, espontaneidade e intuições

[2] O Mestrado da autora foi realizado na PUC Minas, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Paiva, e com financiamento da CAPES. A pesquisa foi aprovada pelo CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CAAE nº: 37682814700005137).

criativas. Segundo os autores, "o Grupo Focal é um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de suas respostas e comentam suas próprias experiências e as dos outros" (BAUER; GASKELL, 2014, p. 76). Nos momentos de Grupos Focais da pesquisa, vivenciou-se uma interação social autêntica. A tarefa da pesquisadora foi facilitar o progresso do grupo em direção à etapa final.

O Grupo Focal 1 aconteceu no dia 9 de março de 2015, às 15h. O tema "Religião" apresentou questões a respeito de Deus e experiência de fé da criança surda. Essas questões foram minuciosamente pensadas para ajudar a entender as expressões religiosas da criança surda e sua relação com o Transcendente. O Grupo Focal 2, realizado no dia 16 de março de 2015, às 15 horas, apresentou o tema "Sentido da vida", com as questões a respeito do que a criança mais deseja na vida, o que a faz feliz ou triste e o que lhe dá medo, entre outras. Nele, a criança surda deixou aflorar o sentido da vida para ela, o que possibilitou compreender a categoria fé. Por fim, o Grupo Focal 3, realizado no dia 23 de março de 2015, às 15h, trouxe o tema "Morte" com questões de religiosidade que revelaram valores transcendentais.

Para abordar a categoria "fé" e sua relação com as crianças surdas como sentido da vida, interligaram-se autores como Panasiewicz (2013) e Amatuzzi (2001). Os estágios da fé representam a maneira de ver ou conhecer o mundo. A criança de até 6/7 anos tem o desafio central de superar um relacionamento possessivo, marcado pelo ciúme, e se abrir em uma relação em que o outro é aceito em sua separação e autonomia. Nessa fase, a experiência do símbolo se constitui como experiência da linguagem. Segundo Amatuzzi (2001, p. 40),

> a verdadeira relação pessoal só é possível por meio de um distanciamento que, no entanto, propicia um olhar mais profundo. A criança se reconhece como um eu entre os demais, e com isso se torna capaz de se afastar de si mesma e reconhecer o outro enquanto outro, graças à capacidade de simbolizar.

Quando a criança surda não supera plenamente os desafios dessa fase de vida, poderá haver fechamento para a comunicação. Durante os Grupos Focais, percebeu-se uma criança que não conseguia se comunicar: 6M9aEFS· Para várias perguntas feitas sempre dizia "não sei" ou "não conheço". A diferença entre essa criança e aquela que supera o desafio da simbolização está justamente no salto do sensorial para o racional. Com essa superação, espera-se que a criança surda se abra para o mundo, confie no outro que o acolhe e tenha coragem suficiente para conquistar habilidades. Para tanto, o desenvolvimento social e cultural é primordial. É ele o suporte da linguagem para a superação de desafios da comunicação. Amatuzzi (2001) explica que deficiências ou fracasso dessa nova mediação simbólica deixarão a criança incapaz de "ler" e "dizer" seu mundo.

2 Alteridade e relação social: desafios existenciais e a criança surda

Na etapa que vai dos 6/7 anos aos 11/12 anos o desafio para as crianças é vencer dificuldades para demonstrar habilidades e competências. O quadro 1 expõe os desafios existenciais da criança de 6 a 12 anos.

Quadro 1: Desafios existenciais da criança de 6 a 12 anos

Desafio central	passar da incapacidade para a competência de fazer
Descoberta-aceitação	de si próprio mais ativo e capaz
Experiência básica	coragem e iniciativa
Deficiência na experiência básica	bloqueios nos enfrentamentos práticos da vida, passividade, timidez
Consequência religiosa posterior dessa deficiência	passividade e insegurança nas tomadas de posições religiosas
Fé humana	confiança básica mostrando-se na relação consigo enquanto um eu capaz. Ou desconfiança, traduzindo-se em timidez ou falta de coragem e iniciativa
Fé religiosa	assumir implícito da fé das pessoas significativas, mas pode haver desvinculação de práticas não associadas a desafios pessoais
Forma religiosa	continua sendo um assumir implícito da fé das pessoas significativas, mas pode haver desvinculação de práticas não associadas a desafios pessoais
Sistema religioso	religião de família, ou sistema de interpretação global do mundo, compreendida pelo sentido das histórias praticadas na família ou no grupo primário

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Amatuzzi, 2001, p. 42-43.

O quadro 1 revela que as pessoas significativas são basilares na formação da fé da criança surda. Exemplo disso são os dados demonstrados por um dos alunos durante os Grupos Focais 1 e 2, o aluno 3M10aEFS, que fez suas atividades com bastante empenho e capricho. Ativo e capaz evidenciou coragem e iniciativa nas participações e suas respostas eram completas e profundas. Demonstrou confiança em si e em pessoas ligadas afetivamente a ele. Estava sempre se referindo à família, principalmente à mãe e ao pai: “Deus fez a família, a mamãe, o papai, eu...”; “mamãe me ensina sobre Deus”; “quando crescer quero trabalhar com computador igual ao papai”; “sou amado pela mamãe e pelo papai”.

Portanto, os dados tornam visível a interação de 3M10aEFS em seu ambiente familiar e religioso. Estimulado a participar de eventos religiosos com a família, se revelou uma criança inserida em uma tradição religiosa familiar. É uma criança que vê sentido na vida. Os dados mostram uma riqueza de detalhes em seus desenhos. Ao desenhar o que é “sagrado”, 3M10aEFS se expressou da seguinte maneira: “Jesus triste na cruz com uma coroa de espinhos e pingos de sangue no corpo; o soldado (feliz) com vestimenta característica da época; Maria, ajoelhada aos pés da cruz chorando e um anjo (triste) a voar. Do outro lado uma

gruta e Jesus sorrindo porque ressuscitou!" Em outro desenho, pedimos para 3M10aEFS fazer sua "religião". Ele fez uma linda igreja cristã (sabemos que ele é católico porque sua professora nos disse que vai à mesma igreja que ele). Sua corporeidade é expressa em desenhos de pessoas muito bem feitos e revelam uma interação consigo mesmo e com o ambiente que o acolhe. Além disso, 3M10aEFS demonstrou ser feliz e amado. Sua relação com os pais é formadora de identidade, levando-o a perceber Deus como ouvinte. A confiança básica que guia sua formação o faz ler o mundo com sentido. Fé humana e fé religiosa se expressam nos sentimentos religiosos de 3M10aEFS. As atitudes dessa criança surda são sinais de amor, comunhão e inclusão. Podemos afirmar, com a análise desses dados, que as expressões do sentimento religioso de 3M10aEFS supõem alteridade.

3 "Deus surdo": a linguagem religiosa da criança surda

Crianças surdas usam língua de sinais para expressar sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos. Analisaram-se alguns dos sentimentos religiosos da criança surda. De certa forma há um transcender em direção ao seu próprio pensamento quando a criança surda usa a LIBRAS para se comunicar. O bilinguismo[3], meio apropriado de comunicação da criança surda, possibilita que esta criança simbolize o que está ausente e essa simbolização é basilar para seu amadurecimento religioso. Os dados revelaram grande interesse das crianças pelo tema "Deus" durante todo o trabalho de campo. Situa-se a criança 13F8aEFS e sua trajetória de respostas nos Grupos Focais. Nesse exemplo, religiosidade articulada entre abertura transcendental e território simbólico é reveladora do sagrado. Essa abertura é tida por Panasiewicz (2013) como aquela que possibilita duas novas experiências: a experiência religiosa e a experiência do mistério transcendente (Deus). A aluna 13F8aEFS disse que aprende sobre Deus com a mãe. Pensa que Deus é aquele que a abençoa. Acredita que Deus é surdo. A primeira coisa que faz quando chega a Igreja é dizer: "Obrigada, Jesus!". Disse, quando lhe mostramos a figura "Cristo sorrindo", que Jesus estava feliz. Todo esse processo representativo que a aluna criou permanecerá com ela e será constantemente reelaborado.

[3] Márcia Goldfeld (2002) explica que o bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país. Para o bilinguismo, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo aceitar e assumir sua surdez. Assim os surdos formam uma comunidade, com cultura e língua próprias.

A relação dos pais com as crianças surdas é fundamental para a construção da representação de Deus pela criança. Essa matriz formadora da imagem de Deus não é criação da criança apenas. Segundo Ana-Maria Rizzuto (2006, p. 23):

> Deus é encontrado na família. Na maior parte do tempo, ele é oferecido pelos pais à criança; ele é encontrado na conversa do dia a dia, na arte, na arquitetura, e em eventos sociais. Apresentam-no como sendo invisível, mas, apesar disso, real. Por fim, a maioria das crianças é apresentada oficialmente à "casa de Deus", um lugar em que Deus supostamente "mora" de uma forma ou outra. Esta casa é governada por regras muito diferentes de quaisquer outras; a criança é apresentada ao ritual, ao comportamento oficial que se espera dela ali e a outros eventos em que o encontro com Deus é socialmente organizado e previamente arranjado.

Para as crianças, o contato com a linguagem religiosa é frequentemente feito quando se diz à criança que Deus a punirá, abençoará ou amará. E o adulto fala isso sério, querendo dizer exatamente isso. A criança não pode deixar de notar que o adulto acredita no que diz. Mediante esses gestos e essas alusões dos adultos, Deus recebe, mesmo que não possa ser visto, uma existência na realidade que contrasta claramente de todas as outras criações de fantasia da criança. Deus, todavia, não está aí para ser visto ou examinado. Tudo que a criança sente é que ele é poderoso, respeitável, governa tudo e está em toda parte. Para Rizzuto (2006, p. 254), "a criança conhece somente duas pessoas que apresentam todas essas características: o pai e a mãe".

Constatamos que Deus aparece, na cultura surda, como relação com o outro. Recebimento do outro que nada mais é que fraternidade. Nessa relação, a criança surda é afetada pelo outro: se o adulto surdo compreende aquela criança, a criança surda acredita que Deus é surdo. Se o adulto ouvinte compreende a criança surda, ela acredita que Deus é ouvinte. Ou seja, o compromisso e a responsabilidade para com a criança surda é "condição de possibilidade" para a vida com sentido de uma criança surda. Nessa afirmação[4] podemos dizer que há uma concretização do milagre. Milagre como alquimia de três elementos: querer de Deus, querer humano e acreditar profundamente nas condições de possibilidades daquele fenômeno, ou seja, na racionalidade e na emoção humanas. O milagre acontece a partir do encontro de liberdades, humana e divina.

Conclusão

O que se pode concluir com esta pesquisa é que compreender o sentido da vida para a criança surda é exatamente "escutar" o que essa criança diz com suas expressões e

[4] Esta afirmação está no livro de Memórias da Pesquisadora (MÉMORIAS...2015). Ela partiu do Professor Roberlei Panasiewicz, durante a banca de Defesa de Dissertação do Mestrado da pesquisadora. Nesse conceito, o milagre da comunicação é também alteridade.

sentimentos religiosos. A visão de mundo da criança surda revela que uma personalidade segura e cooperativa socialmente, solidária com o outro e pronta para a prática da troca de opiniões e vivências se faz com consciência do ser social e da cidadania. Visão de mundo que pode levar a criança surda a experimentar o sagrado como acolhimento e amor. Alteridade plena. A peregrinação na fé para essa visão de mundo como acolhimento e amor começa ainda na fase de bebê. A mãe ou a pessoa que cuida do bebê surdo o abençoa com seu olhar, ajudando na formação da confiança.

Outro fato importante a respeito da visão de mundo da criança surda é que pais e professores de crianças nessa idade devem criar uma atmosfera em que a criança possa se expressar livremente. Isso inclui, modo verbal ou não, as imagens que estiver formando. Com Fowler (1992, p. 116), confirmou-se que "onde se encoraja e permite esta expressão, a criança é levada a sério e os adultos podem fornecer auxílio apropriado para lidar com as imagens deformadoras, distorcidas ou destrutivas que a criança tiver formado". Ao contrário, a leitura do mundo sagrado feita pela criança surda, quando revestida de alteridade, revela informações preciosas como o dado "Deus é surdo", em seus desenhos e em suas respostas.

Por fim, perceber imagens de confiança das crianças surdas em seus pais, em Jesus ou no "Deus surdo" indica a importância do afeto e do diálogo nas relações com a criança surda. A maneira como a comunidade ouvinte se dirige a este ser em formação, a criança surda, é basilar nessa relação. Acolher a diferença ou demonstrar preconceito são movimentos que marcam as expressões religiosas da criança surda. A convivência com as crianças surdas durante esse trabalho suscitou questionamentos que podem dar continuidade à pesquisa com crianças surdas, como, por exemplo, os estágios da fé e as pessoas surdas; a religião da criança surda; e suas colocações a respeito da fé.

Referências

AMATUZZI, Mauro Martins. Esboço de teoria do desenvolvimento religioso. In: PAIVA, Geraldo José de (Org.) et al. Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOWLER, James W. Estágios da fé. Porto Alegre, RS: Sinodal, 1992.

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. Da existência ao existente. Trad.: Paul Albert Simon. Campinas: Papirus, 1998.
LÉVINAS, Emmanuel. Deus, a morte e o tempo. Trad.: Fernanda Bernardo. Coimbra: Almedina, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. De Deus que vem à ideia. Trad.: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Salamanca: Editora Sígueme, 2003.

LÉVINAS, Emmanuel. Do Sagrado ao santo: cinco novas interpretações talmúdicas. Trad.: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. *El tempo y el otro*. Edição Paidós Ibérica. Barcelona: Espanha, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós: ensaios sobre a alteridade. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
LÉVINAS, Emmanuel. Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo. Trad.: João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. Humanismo do outro homem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel. Transcendência e Inteligibilidade. Trad.: José Freire Colaço. Rio de Janeiro: Edições 70, 1984.

MEMÓRIAS DA PESQUISADORA. Livro de memórias da pesquisadora. 2015.

PANASIEWICZ, Roberlei. Categorização de experiências transcendentais: uma leitura da religiosidade, da fé e da religião. *Pistis Praxis*, Curitiba, v.5, n.2, p. 587-611, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pistis?dd99=pdf&dd1=12365>. Acesso em: 20 fev. 2015.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RIZZUTO, Ana-Maria. O nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. São Paulo: Paulinas, 2010.

SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, César Augusto de Assis. Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.